



9º Simposio de Ensino de Graduação

HOMO SAPIENS, O GRANDE PREDADOR

Autor(es)

JOSE MANOEL VIEIRA JUNIOR

Orientador(es)

ANA MARIA CORDENONSI

1. Introdução

Autores (Alunos do oitavo semestre de Comunicação Social/Jornalismo):

Ariane Domiciano

Bruna Sampaio

Ivaneide Gonçalves

Karla Gigo

Larissa Molina

Marina Izabel Pereira Campos

José Manoel Vieira Junior

Orientadora (Professora Doutora em Comunicação, professora da Universidade Metodista de Piracicaba, do curso de Jornalismo):

Ana Maria Cordenonssi

O documentário “Homo sapiens, o grande predador” foi desenvolvido na disciplina Tópicos Especiais em Jornalismo, durante o sétimo semestre do Curso de Jornalismo como primeiro exercício deste tipo de audiovisual. A escolha do tema surgiu a partir da preocupação que o meio ambiente desperta no grupo.

A pesquisa sobre o assunto reafirmou o que já é público e notório: água é um dos recursos naturais mais preciosos do mundo e originou várias metáforas, como o antigo provérbio popular que afirma que “a água é o sangue da terra e quando a fonte está seca, então se conhece a sua valia”.

Foram essas questões que motivaram o grupo a produzir o documentário para abordar de forma simples a importância que a água tem para a vida, quais os impactos de uma possível falta de água (uma crise hídrica planetária), para todas as espécies, sobretudo para os humanos (que, segundo vários estudos, são os responsáveis pela poluição da água) e qual a importância de um consumo responsável desse recurso natural para que, assim, se possa garantir água e condições dignas de vida para as próximas gerações.

2. Objetivos

O objetivo desse documentário é desenvolver o tema sobre a necessidade de mudança de hábitos quanto à importância de se preservar a água, com linguagem simples e explorando as vantagens da produção audiovisual para tornar a comunicação mais eficiente e sensibilizar o público quanto ao assunto.

3. Desenvolvimento

A ideia foi desenvolvida a partir da inquietação e disposição do grupo de propor um trabalho que mostrasse a problemática da finitude dos recursos naturais e, conforme dito anteriormente, que pudesse despertar a atenção do público sobre esta questão. A partir daí definiu-se que o tema seria a água e as consequências da falta desta para a humanidade, caso as gerações atuais não mudem de mentalidade quanto aos recursos naturais.

Se a água é a fonte da vida, dela dependem a existência e a sobrevivência de todas as espécies vivas do planeta. Bianchi (apud OHSE ECKER (2009, p. 14) defende que a água (sobretudo a água doce) é o bem natural mais importante do planeta, pois onde não há água, não há possibilidade da vida se desenvolver, ou se criar, portanto ela é essencial. Além disso, segundo o autor, não basta, que a água seja doce, “é necessário também que ela seja potável e fornecida em quantidade e qualidade adequadas de modo que possa garantir à população uma vida compatível com a dignidade da pessoa humana”. (OHSE ECKER, 2009, p. 17). Os dados sobre o assunto são alarmantes:

Diz que um país enfrenta uma crise de água quando este recurso hídrico disponível é menor que mil metros cúbicos por habitante por ano. Abaixo desse ponto, a saúde e o desenvolvimento econômico de um Estado são dificultados consideravelmente. Quando a disponibilidade de água por habitante cai abaixo de quinhentos metros cúbicos anuais, tem-se um comprometimento cruel de sobrevivência da população. (SHIVA apud OHSE ECKER, 2009, p. 17).

Entretanto, de acordo com o mesmo autor (OHSE ECKER, 2009) – no estudo sobre a crise de água doce e suas consequências para futuro – a água doce corresponde a aproximadamente de 3% somente de toda a água existente no planeta e já não é encontrada com tanta abundância, como antes, nos mananciais e reservatórios. Os outros 97% da água do planeta é salgada e, segundo o autor, é de “(...) difícilíssimo aproveitamento para o consumo humano.” (OHSE ECKER, 2009, p. 15).

Já que a água é um elemento essencial para o desenvolvimento e manutenção da vida – animal ou vegetal – o mesmo autor destaca que se faz necessário a busca por desenvolvimento humano sustentável, equilibrado e responsável para que assim seja possível garantir água e condições dignas e adequadas de vida para as próximas gerações; sem água, entretanto, segundo o autor, o futuro estaria comprometido.

A água é usada em tudo. De acordo com Tundisi e Granziera (apud OHSE ECKER, 2009, p 21), é usada na irrigação, na utilização agrícola e pecuária, na utilização doméstica e consumo humano, na navegação, na indústria, na recreação e turismo, na pesca e piscicultura, na mineração e geração de energia elétrica. Já para Santos (2009, p. 151), “Os centros urbanos, polos industriais e zonas de irrigação são os que demandam maior quantidade de água (...)” e todas essas formas variadas de consumo, segundo Tundisi (apud OHSE ECKER, 2009, p 27), resultaram “(...) em impactos de grande amplitude, de diversas magnitudes que exigem diferentes tipos de avaliação e monitoramento adequado e a longo prazo dos recursos hídrico”.

Santos (2009, p. 152) defende e reforça que a urbanização é consideravelmente impactante: a pavimentação, a construção civil intensa, a industrialização, a expansão das cidades causam sérios danos e muitas vezes irreversíveis ao meio ambiente.

A pavimentação diminui o processo de infiltração da água nos solos, aumentando a quantidade de áreas impermeáveis, prejudicando uma das fases mais importantes do ciclo hidrológico: o reabastecimento do lençol freático. O processo de retificação de rios não só impacta o meio ambiente como também as condições sociais e econômicas da área ao redor. Episódios de enchentes e inundações tornam-se mais frequente devido este processo. (SANTOS, 2009, p 152)

De acordo com Ohse Ecker, o crescimento da população, o avanço desenfreado da globalização, intervenção humana constante sobre a natureza, a poluição e o consumo desenfreado e desequilibrado dos recursos hídricos podem culminar numa crise hídrica. Esta crise pode trazer escassez de água e, se não for repensado o nosso modelo de vida humana, deixará de ser escassez e se tornará esgotamento total desse recurso tão precioso e tão necessário à vida.

Quem sofre com essa crise, ainda de acordo com o mesmo autor, é quem está no “(...) fim da estrutura social, ou seja, o homem comum, normalmente menos favorecido economicamente e culturalmente.” OHSE ECKER (2009, p 26).

A água não deve ser desperdiçada, nem poluída, nem envenenada. De maneira geral, sua utilização deve ser feita com consciência e discernimento para que não se chegue a uma situação de esgotamento ou de deterioração da qualidade das reservas atualmente disponíveis. (Artigo 7º da Declaração Universal dos Direitos da água 1992)

A água é um bem precioso e vital, entretanto, o ser humano, segundo Ohse Ecker (2009), parece não ter consciência disso e, em grande medida, é responsável pelos problemas hídricos que possivelmente a humanidade irá enfrentar, caso não seja repensado o modelo de vida humano. Essas ações podem, de acordo com o autor, trazer um efeito nefasto para a vida no planeta e podem ser o grande motor para a destruição e aniquilamento da vida. São elas: a poluição, o aquecimento global, o desmatamento, o crescimento e urbanização da população mundial, o desperdício, a superirrigação e a agricultura não sustentável, as espécies invasoras (introduzir, de acordo com Ohse Ecker (2009), espécies não nativas em determinado habitat aquático faz com que ocorram sérias transformações e alterações neste ecossistema), as represas e reservatórios (pois, segundo o autor, inundam e fazem submergir a terra e a vegetação e, assim, modificam substancialmente o ecossistema) e a eutrofização que “(...) são resultado do enriquecimento com nutrientes de plantas, principalmente fósforo e nitrogênio, que são despejados de forma dissolvida ou particulada em lagos, represas e rios e são transformados em partículas orgânicas, matéria viva vegetal, pelo metabolismo das plantas” (OHSE ECKER, 2009, p 56).

Mas é a poluição da água o principal fator da crise hídrica. Ela faz, de acordo com Silva (apud Ohse Ecker, 2009, p 45), corromper, estragar, sujar, inutilizar, contaminar a água. Assim, a água, nesse estado, contribui para aniquilar a vida e não para que esta se crie e se desenvolva.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (UNIDO), é plausível que até o ano de 2025 a atividade industrial consuma duas vezes mais água que atualmente, aumentando a poluição industrial em até quatro vezes. O esgoto não tratado está matando as vias fluviais ao redor do mundo. Noventa por cento da água com resíduos produzida pelos países em desenvolvimento, ainda é despejada, sem tratamento em rios, riachos e mananciais. (BARLOW; CLARKE; apud OHSE ECKER, 2009, p. 46).

O grupo, então, refletiu e discutiu variadas possibilidades de como tratar esse tema até que encontrou um caminho: produzir algo que mostrasse, por meio da representação e projeção das atitudes humanas no vídeo (com relação ao desrespeito e ao consumo descontrolado e insensato da água) o quanto é poluída e desperdiçada pela ação humana irresponsável.

Para o grupo, essa é uma forma (que pode ser bem eficaz) de contribuir para despertar nas pessoas a consciência do grau e da amplitude de suas ações no que se refere aos (não) cuidados com o meio ambiente. Pode ser também uma forma de suscitar nas pessoas o comprometimento com o consumo responsável da água, de despertar no público a importância de tratar esse recurso - tão caro à existência - com mais cuidado. Também é um meio de mostrar as prováveis consequências de ações impensadas e o quanto as próximas gerações podem sofrer com a falta de água, utilizando a linguagem do audiovisual como ferramenta de persuasão e conscientização, pois conforme Vanessa Zandonade e Maria Cristina de Jesus Fagundes, no artigo O vídeo documentário como instrumento de mobilização social (2003)

O audiovisual é um meio eficaz na mediação do processo de apropriação do conhecimento, porque comporta em sua composição vários elementos de linguagem que propiciam uma compreensão em vários níveis. Assim, podem facilmente desencadear associações que levam aos sentidos e aos significados. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.html>, acesso em 23/08/2011

Nesse sentido, a comunicação passa pela imagem e, esta, pode ser poderosa aliada para levar informação e conhecimento aos indivíduos, pois promove o encontro do saber com o indivíduo; estabelece elos entre os discursos e os sujeitos sociais.

A comunicação como aspiração remete ao fundamento de toda a experiência humana. Expressar-se, falar e compartilhar com os outros, eis o que define o ser humano. A comunicação é um meio de entrar em contato com o outro, que é o horizonte, aquilo que cada um deseja e teme ao mesmo tempo (...). Só a comunicação possibilita o gerenciamento dessa relação ambivalente entre o eu e o outro e a linguagem está no centro dessa experiência (...). (Wolton, 2004).

Assim, a comunicação é muito importante para que se propague e se dissemine as informações, a comunicação torna comum o conhecimento.

4. Resultado e Discussão

Definidos esses pontos, o grupo elaborou a seguinte proposta: fazer um vídeo que iria mesclar a ficção e a realidade construindo assim uma história em que, presente e passado se entrelaçam, para explicar e mostrar a importância da água e as consequências da falta desse recurso para a os seres vivos; que seria o fim da vida.

A intercalação do futuro e presente permitiu a opção pela dramaturgia. Foi produzido um roteiro no qual um homem do futuro, do ano de 2066 (sofrendo pela intensa falta de água) escreve, em forma de desabafo, uma carta (escrita pelo grupo) para o pai que já morreu, mas que pode ser identificado com as gerações atuais e narra como é a realidade da humanidade na época em que vive. Époça esta,

que a água já falta e é extremamente racionalizada, em decorrência das ações desastrosas e irresponsáveis do homem que viveu no século XX e início do século XXI explorando os recursos naturais sem se preocupar com as gerações futuras.

Já o presente, é constituído por depoimentos de especialistas nas áreas: ambiental, médica e filosófica. Mostra-se o futuro e a agonia desse homem e o presente, com explanações sobre o que pode ser feito para conter tais desastres e o que poderá ocorrer se não forem tomadas medidas de proteção ao meio ambiente a tempo.

Para essa dramatização, foi utilizado, no papel do homem do futuro, um ator que foi devidamente orientado e dirigido pelo grupo. Utilizou-se de maquiagem para que parecesse mais velho. A intenção é mostrar que a falta de água no organismo pode prejudicar a saúde, comprometer o desenvolvimento e até envelhecer precocemente os indivíduos.

5. Considerações Finais

A produção e execução desse trabalho foi possível mediante o envolvimento e participação interdisciplinar de professores das áreas de comunicação, filosofia, ciências biológicas, médicas e entre os alunos. A comunicação é o maior instrumento para disseminação da informação e do conhecimento; estes, por sua vez, emancipam os sujeitos. Indivíduos informados e dotados de saberes podem contribuir muito para a construção de uma realidade melhor e é a comunicação que torna possível esse desejo; a comunicação entre os indivíduos.

Assim, foi possível aplicar na prática o conhecimento transmitido em sala de aula para a produção de um documentário, além do que resultou em um trabalho que visa a explicar e alertar os indivíduos (mesmo que em pequena escala) para importância da preservação da natureza e do consumo equilibrado dos recursos naturais do planeta, principalmente a água.

Referências Bibliográficas

Declaração Universal dos Direitos da Água, 1992

DIAS, F. V. A luta Pela água – a construção da realidade – o estudo do processo criativo de Eduardo Coutinho na elaboração do documentário Santo Forte. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

OHSE ECKER, C. M. A crise da água doce: efeitos e consequências para o meio ambiente e a busca do desenvolvimento sustentável. Mestrado em desenvolvimento, Universidade Regional Do Noroeste Do Estado Do Rio Grande Do Sul. Rio Grande Do Sul, 2009.

SANTOS, D. F. A luta pela água – a complexidade sócio-ambiental: aspectos urbanos do Rio de Janeiro. Mestrado em Engenharia Ambiental da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

WOLTON, D. Pensar a comunicação. Brasília: UNB, 2004.

ZANDONADE V.; FAGUNDES, M. C. J. O vídeo documentário como instrumento de mobilização social. 2003. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.html#SECTION02220000000000000000> acessado em 23/08/2011.

O vídeo documentário - Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.html>, acesso em 23/08/2011